



LICANTROPIA NOS PERCALÇOS DA HISTÓRIA



LICANTROPHY AT THE HISTORY MISHAPS

Gustavo Marques de SOUSA

URCA, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 19/02/2013 • APROVADO EM 01/04/2013

Abstract

Lycanthropy is a word from the Greek and concerns the transformation, usually carried out in such a curse, a human into a wolf, giving rise to a legend that is speculated to be in many ways the popular imagination. The werewolf, the object of this research will be analyzed from the standpoint of studies on popular culture and how is found it in the historiography. Besides observing their characteristics and their behavior, taking as point of support the folklorist Câmara Cascudo, this research aims in the past, from Carlo Ginzburg, the landmark of the Inquisition to the demonization of wolves. Is investigated, based on Jean Delumeau, how these wolves acted and were hunted in the late Middle Ages, and on Robert Darnton are sought new interpretations of the narratives werewolf. Forgotten by God or not, the narratives of these animals can do mischief on account of his instincts have a place in time and history.

Resumo



Licantropia é uma palavra vinda do grego e diz respeito à transformação, geralmente procedida de uma maldição, de um ser humano em lobo, dando origem a um ser lendário que é especulado de várias formas pelo imaginário popular. O lobisomem, objeto desta pesquisa, será analisado a partir do olhar dos estudos sobre Cultura Popular e como encontramos-lo na historiografia. Além de observar suas características e seus comportamentos tomando como ponto de apoio o folclorista Câmara Cascudo, esta pesquisa busca no passado, a partir de Carlo Ginzburg, o marco da Inquisição para a demonização dos lobos. É investigado, com base em Jean Delumeau, como esses lobos agiam e eram perseguidos no final da Idade Média; e em Robert Darnton, são buscadas novas interpretações sobre as narrativas de lobisomem. Esquecidos por Deus ou não, as narrativas desses bichos capazes de fazer diabruras por conta do seu instinto têm um lugar no tempo e na história.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Lycanthropy. History. Memory.

PALAVRAS CHAVE: Licantropia. História. Memória.

Texto integral

As lendas são universos a serem descobertos, essas estão sempre em manutenção através da oralidade popular, assim são perpassadas traduzindo a vida e os costumes de determinadas regiões numa dada lacuna do tempo. A crença delas gera uma esfera de medo, curiosidade, muito comum, haja vista que elas sempre têm personagens místicos, heroicos, dotados ou não de poderes sobrenaturais como visto em Câmara Cascudo:

As lendas são episódio heroico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral e popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, legenda, “legere” possui características de fixação geográfica e pequena deformação e conserva-se as quatro características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato e oralidade. É muito confundido com o mito, dele se distância pela função e confronto. O mito pode ser um sistema de lendas, gravitando ao redor de um tema central com área geográfica mais ampla e sem exigências de fixação no tempo e no espaço. (CASCUDO, 1976, p. 348).

No caso da licantropia – o Lobisomem, segundo Cascudo, é um mito universal que está espalhado em todos os países e diferentes épocas. Chega ao Brasil trazido pela memória dos colonizadores europeus. Os primeiros a tocarem nesse assunto foram os romanos, logo depois se foi inserindo em outras

localidades, ganhando novas nuances e se adaptando a cultura de outros territórios.

Nos levantamentos de indícios, na África os homens-hiena, na Ásia os homens-tigre, e na Europa, como em todas as outras partes, os lobisomens terão muitas características semelhantes, diferenciando-se apenas em peculiaridades regionais. No Brasil, em muitos lugares do seu território, podemos encontrar várias “paródias” acerca desse assunto. A discursão da corrente pesquisa vai girar em torno da discursão folclórica e não de elementos patológicos que possam vir sofrer alguns seres humanos.

Existe, no folclore, o termo licantropia, que designa a maldição que recai sobre um homem quando ele se transforma em lobisomem, visto que a metamorfose não pode ser controlada. Porém, uma doença mental em que o paciente acredita que se transforma em animal é chamada de licantropia clínica para diferenciar-se da forma folclórica. (MEDEIROS, 2006, p. 38).

Lobisomem, palavra que tem origem germânica, traduz literalmente a ideia que concretizou a cultura popular: de meio homem e metade lobo. Tal possibilidade de ser um é advinda do sobrenatural com apelos morais.

A transformação se dá a partir de crescimento de pelos por todo o corpo do indivíduo, ganhando feições de um lobo. Além das características físicas, o homem ganhará temperamento animalesco, selvagem por assim dizer. Os fatores são diversos para que alguém possa vir a fazer tais mutações, o papel da lua será preponderante para que haja a transmutação mística. Depois de realizada, o sujeito sai à procura de seu alimento, mas não é qualquer coisa que vai agradá-lo. Procura um cardápio regado a carne humana, mas não se dedica a esse único tipo de alimento, quer também animais de pequeno porte.

O lobisomem em sua encarnação racional é fadigoso, de pouco alimento, recusando quase tudo, amando comidas salgadas, picantes, tendo bastantes bocejos, náuseas (pelo gosto do sangue, dizem os sertanejos, que lhe fica na boca), espreguiçamentos lentos e contínuos e uma sede obstinada. (CASCUDO, 2002, p. 187).

Existem várias maneiras de explicar como um homem pode começar a se transformar em lobo ou em qualquer outro bicho, esse debate é bastante plural,

pode-se dar por vários motivos. Conforme Cascudo, em Geografia dos Mitos Brasileiros, estão em duas categorias, voluntária e involuntária. Vejamos como se dá a forma voluntária, que é temporária e passa por uma minuciosa cerimônia, onde o encanto termina ao cantar dos galos e os primeiros raios de sol:

Na noite de quinta para o dia de sexta-feira, despido numa encruzilhada, o homem dá sete nós em sua roupa e, em algumas partes, urina em cima. (...) Deitando-se ressupino, estende os cotovelos para frente, dobrando o mais possível as pernas, os joelhos se acusam em ângulo agudo com a tíbia. Não soube se há alguma oração. Nessa atitude rebolca-se violentamente, sempre da esquerda para a direita, imitando o mais fielmente possível a voz do animal em que vai se encantar. Depois de certo espaço de tempo, o Lobisomem ergue-se de onde se deitara o homem. (CASCUDO, 2002, p. 184).

O motivo voluntário dá-se em forma de punição: castigo divino proferido por mortal ligado a uma ordem de um deus superior; praga “rogada” pelos pais ao filho (os padrinhos também têm o poder de excomungar); por razões morais, exemplo, praticantes de incesto.

Também por ordens naturais: uma mulher tem sete filhos, todos do sexo masculino, um deles sofrerá metamorfoses, ou um filho que nasce depois de sete filhas. Homens pálidos, “amarelos”, tuberculosos, esses também pela crença popular sofrem dessas mutações bizarras. Depois de mudado, o homem bicho sai fazendo bagunça nas redondezas, amedrontando a vizinhança.



Imagem 1ⁱ

O lobisomem tem uma força muito grande e, para matá-lo ou desencantá-lo, aquele que se dispuser tem que conhecer um pouco da lenda que envolve a licanthropia, não é de qualquer forma e nem com qualquer objeto. Segundo o que acredita a cultura popular:

O lobisomem é invulnerável a tiro. Só se a bala estiver metida em cera de vela de altar onde se acha celebrado três missas da noite de Natal. A faca, a foice, mesmo a pequenina quicé, uma simples furadela de canivete desencanta o fado (...). Mas é preciso cuidado com o lobisomem que deixou o seu destino. Desencantado, o Lobisomem fará todos os esforços para matar quem teve a coragem de enfrentá-lo e, enfrentando-o, identificá-lo. (CASCUDO, 2002, p. 187).

Podemos conferir em Pesavento (2005), que o que a História Cultural vai propor é a investigação para a formulação do real de algo passado para o entendimento no presente, assim podendo ser construídas versões de vivências que vão além do acontecimento, trazendo a representação do passado com elementos das ações humanas transgredida pelas fontes para o desenvolvimento das histórias.

Em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imaginéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprio e o mundo. (PESAVENTO, 2005, p. 42).

Portanto, podemos observar que essa nova proposta epistemológica chamada de História Cultural faz construções tentando revelar o passado através das suas representações, revelando estruturas das atividades humanas em suas relações intra e interpessoais, numa teia de universalidades.

Assim, sendo regado pelo imaginário, que é o modo de conferir o sentido de mundo para o homem através de representações coletivas, segundo Pesavento (2005, p. 49), “o imaginário comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos e valores, é construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social”.

Encontramos, em Medeiros (2006), uma compilação de outras informações tocantes ao que acredita o imaginário popular acerca do nosso assunto, essas informações se criam e se perpassam pela oralidade:

- A maldição está no sétimo filho: uma mulher que tem seis filhos, tendo um sétimo, fatalmente esse terá a maldição da lua cheia;
- Um casal que tem mais de sete filhos, o sétimo carrega a maldição: se for mulher, será bruxa, se for homem, será lobisomem;
- Ao nascer o sexto filho do casal, esse deve ser batizado como Sebastião, se for homem, e como Benta, se for mulher, quebrando a maldição da linhagem. Assim, o sétimo filho não carregará nenhuma maldição;
- Os lobisomens transformam-se nas encruzilhadas, sempre à luz da lua cheia;
- A fera deve procurar o cemitério antes de raiar o sol;
- A fera foge para transforma-se longe dos olhos das pessoas, pois o espetáculo é horrível;
- O lobisomem prefere atacar crianças que ainda não foram batizadas. (MEDEIROS, 2006, p. 53).

O objeto de estudo a ser analisado por essa proposta de investigação é um personagem pitoresco conhecido por Miguel Preto, que, pela crença popular, fazia transformações licantrópicas, “virava bicho”, na periferia da cidade do Crato – Ceará, num bairro chamado Seminário. Suas metamorfoses foram resultados de agressões à sua mãe que, não conformada pelos atos do filho, amaldiçoou-o. A partir de memórias, faremos esse estudo mais a fundo.

Nos estudos de Le Goff (1994), ele afirma que memória é uma capacidade de um indivíduo guardar e conservar informações psiquicamente que permitirá interpretar, reinterpretar e atualizar informações passadas. Encontramos isso com a memória sobre Miguel Preto, homem que, segundo narrativas orais, virava lobisomem na cidade do Crato-CE. Essas narrativas tomam forma na memória da população e atizam o imaginário, em que, por meio da oralidade, os relatos guardados no psíquico dos contadores dessa história serão passados para outras pessoas.

Por sua vez, essas memórias são passadas para novos interlocutores, numa espécie de “teia” de informações, desta forma, conduzindo a manutenção dessa lenda, pois ela estará sendo compartilhada com outros, que serão novos detentores dessas memórias. Para o estudo o que vai interessar ao historiador não é a

memória individual e sim a coletiva, pois a memória do grupo é o ponto mais importante para o trabalho do pesquisador. Através da coleta das memórias, será possível fazer análise do objeto dessa pesquisa, com isso revelará ainda mais a essência da cultura do sul do Ceará, visto que no conceito de Silva e Silva (2005, p. 85), “cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou imaterial”.

Em Delumeau (1999), História do medo no ocidente, conferimos sobre a figura dos lobos que na Idade Média eles apareceram como animais temidos e dotados de mistérios. Percebemos a ideia de animal presente nos espaços rurais, que eram caçadores por excelência, sanguinários e predecessores e sucessores de guerras. Atacavam os rebanhos, as aves e faziam reboliços por onde passavam.

Naquele contexto, para contenção, havia um grupo organizado para a caça desses lobos que ameaçavam a ordem. Vejamos o que diz Delumeau (1999, p. 103) “Em 1114, o sínodo de Santiago de Compostela decide que em todo o sábado com exceção das vésperas da Páscoa e de Pentecoste, terá lugar uma caça aos lobos”. Nesse momento fica clara a posição dos homens para conter esse mal que assolava a população campestre. E mais, ainda seria obrigação de todos os homens participarem, até mesmo aqueles pertencentes ao clero, caso contrário pagariam multa.

Quando no fim das guerras, aquele campo devastado seria “um prato cheio” para os lobos nas cidades, entravam devastando tudo o que já estava em ruínas, contribuindo ainda mais para o desgaste. Devido a esses acontecimentos e outros mais, disseminou-se a ideia de que esses não seriam *lobos naturais*, a autenticidade da natureza estava largada à dúvida, dando espaço ao imaginário se debruçar sobre o mundo dos seres híbridos.

Acreditava-se que esses eram homens metamorfoseados, podendo ser soldados a feiticeiros. Para Delumeau (1999, p. 104), “portanto não é por acaso que, na virada dos séculos XVI e XVII, os demonólogos franceses dissertaram abundantemente sobre a licantropia e os tribunais tanto condenaram feiticeiros acusados de canibalismo”. Assim o imaginário acerca do possível misticismo foi crescendo e o medo da população era corrente.

A Igreja exercia força para tentar aliviar as tensões e livrar os cristãos das “bestas satânicas” que gostavam de comer carne humana, especialmente de

crianças pequenas, essas talvez porque fossem alvos mais fáceis, pois ficavam soltas brincando longe dos pais, e também mulheres grávidas. Os relatos indicavam que essa besta parecia com o lobo só que não tinha braços tão cumpridos, o que daria mais feições humanas a esse bicho, o que possivelmente efervescia ainda mais a questão do mito na cabeça das pessoas.

Ginzburg (1988), na obra *Os Andarilhos do Bem*, diz que em meio ao período inquisitorial no século XVI e XVII, diante do processo de caça aos rituais de feitiçaria, é contado a respeito dos lobisomens lituanos em Jügensburg. No seu estudo, é apresentado, a partir de indicações orais, que os lobisomens fossem aliados de Deus, já que eles em bando garantiam a colheita e protegiam o gado, pois, se fosse a favor do Diabo, eles arruinariam a produção e as criações.

Porém, os inquisidores não aceitavam essa visão, para eles os lobos seriam criaturas abomináveis e destruíam as pastagens. Já que estavam num período em que a Igreja Católica procurava eliminar crenças pagãs, mito do lobisomem foi “demonizado” e perseguido juntamente com as bruxas, que tinham a diabrura de comer carne humana, especialmente a de crianças pequenas.

Já em Darnton (1986), *O Grande Massacre dos Gatos*, a questão do mito acerca da licantria estava diretamente ligada à antropofagia. Pessoas que sofriam com severas crises econômicas e sociais na Idade Média acabavam por cometer canibalismo. Supunha-se que essas pessoas eram acometidas por patologias mentais e, graças às fases da lua, esses sujeitos fariam as suas metamorfoses.

Grosso modo, é relevante verificar que alguns tipos de parâmetros biológicos e/ou genéticos pudessem fazer com que pessoas fossem confundidas com lobisomem:

Ainda é pertinente analisar o aspecto biológico através da hipertricose, uma doença rara que ocasiona o aumento e crescimento desordenado dos pelos do corpo, que é bastante rara, mas pode ser associada aos testemunhos de pessoas que avistaram a fera na idade média. (MEDEIROS, 2006, p. 39)

A questão do lobisomem no Cariri cearense aparece aposta à figura lançada anteriormente da cultura pagã dos séculos XVI e XVII. Observamos em Cascudo

que algumas características serão semelhantes aos seres dos séculos já citados, bem como a questão metamórfica e aparências físicas.

Para a construção da narrativa acerca dessa lenda, vamos tomar de fontes orais informações, portanto a oralidade será peça essencial para o desenvolvimento desta pesquisa, onde o eixo central serão as memórias que compreendem o sujeito-chave dessa pesquisa.

A oralidade permite a repassagem dessa história, contribuindo para o processo de rememoração, de modo que a partir de cada narrador os desdobramentos vão se horizontalizando e assim ganhando novos olhares a partir disso. Nesse contexto, dinamiza a narrativa e fica mais difícil cair em esquecimento, prolongando sua resistência ao tempo.

Os relatos orais sobre o passado englobam explicitamente a existência subjetiva. Isso já foi considerado uma limitação, mas hoje é reconhecido como umas das principais virtudes da história oral: fatos pinçados aqui e ali nas histórias de vida dão ensejo a percepções de como um modo de entender o passado é construído, processado e integrado à vida de uma pessoa. (CRISKSHANK, 1998, p. 156).

Nessa denotação, devemos ter cuidado com uma “figura” que de fato viveu. A partir das lendas fica explícito nas narrações o paralelo entre o real e o ficcional, justamente como já vimos em Cascudo (2002, p. 328): “Lenda: Episódio heroico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral, localizável no espaço e no tempo”, mas não é da competência desse trabalho jogar se os fatos são realmente miraculosos. Vejamos:

O grupo que arruma a sua história social em diferentes gêneros não está normalmente em posição de saber o que realmente é ficcional e o que é histórico. A arrumação apenas define o estatuto social da tradição tal como se encontra no espírito dos povos. Releva os sentimentos e crenças do grupo, mas não do passado. (FRENTRESS; WICKHAM, 1992, p. 100).

Em suma, a memória nos conduz a outro plano de representações onde as experiências vividas pelos narradores nos contam sobre sujeitos emblemáticos, passada como se fosse à dinâmica do telefone sem fio. As memórias estão organizadas nas mentes de quem nos denunciam. Em Silva e Silva (2005, p. 275),

lemos que “memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedades que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permitem ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretar como passadas”.

O que podemos observar é que as lendas que envolvem o lobisomem estão ligadas à religiosidade (principalmente ao que pregava a Igreja Católica) e a práticas de boa cidadania deste os tempos mais antigos. O respeito pela família e autoridades clericais faz a contenção e deixa a tensão no inconsciente daqueles prováveis aderentes dessas práticas. Sem falar que é educativa, serve para manter a autoridade patriarcal dentro de casa, o velho costume de crianças no meio da rua até tarde da noite brincando já era contida pela narrativa dessas crônicas dotadas de misticidade.

As narrativas sobre lobisomem, com o passar, deixaram de ser crônicas das preocupações e dos medos e aos poucos viraram conversas para distrair crianças, pois hoje no mundo moderno, cheio de tecnologias, não espantam tanto os pequenos como antigamente. Mas, é impossível deixar de observar os sentidos e vertentes que essas histórias trazem para a discursão de cultura.

Tomando como fonte todas as memórias que foram se fazendo no psíquico das pessoas, nos incubemos da tentativa de fazer a historicização desse mito, com fim de analisar a formatação desse e seus resultados.

Referências

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 9. ed. Brasília: J. Olympio, INL, 1976.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. 2. ed. São Paulo, Global, 2002.

CRISKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. *Usos e abusos da história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 149-164.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos, e os outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente 1300 – 1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MEDEIROS, Elita de. *Imaginários em diálogo: a lenda do lobisomem em uma perspectiva bakhtiniana como resgate de narrativas folclóricas*. 2006. 149 f. Monografia. Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, 2006.

FRENTRESS, James; WICKHAM, Chris. *Memória social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema, 1992.

GINZBURG, Carlo. *Os Andarilhos do Bem - feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 85.

Para citar este artigo

SOUZA, Gustavo Marques de. Licantropia nos percalços da história. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 2, n. 1, p. 57-67, abr. 2013.

O Autor

Gustavo Marques de Sousa é graduando em História na Universidade Regional do Cariri – Urca. Membro do Netlli. Bolsista de Extensão, trabalhando no projeto que busca dar visibilidade social as artes, aos intelectuais do povo e fortalecimento do acervo do Núcleo de Pesquisa em Cultura Popular – Behetçoho.

ⁱ Representação iconográfica de um lobisomem encontrada em Medeiros (2006).